Quinta de Crasto, Vairão – Construção e contexto

Rita Faro Novais
Mestranda na FAUP / Programa BIOPOLIS_Porto, Portugal, rnovais20@gmail.com
Nuno Valentim Lopes
Prof. Aux. na FAUP / Inv. no CEAU / Programa BIOPOLIS_Porto, Portugal, nuno.valentim@arq.up.pt
Paulo Farinha Marques
Prof. Ass. na FCUP / Inv. no CIBIO / Programa BIOPOLIS_Porto, Portugal, pfmarque@fc.up.pt
Nuno Ferrand de Almeida
Prof. Cat. na FCUP / Coord. Cient. do CIBIO / Museu de História Natural e da Ciência UP / Programa BIOPOLIS_Vila do Conde, Portugal, nferrand@cibio.up.pt

RESUMO

Um dos desafios que a sociedade contemporânea enfrenta, quando pretende desenvolver programas e projetos de valorização de edifícios, sítios e paisagens, consiste na compreensão da relação complexa que se estabelece entre paisagem, arquitetura e património.

A Quinta de Crasto, em Vairão, Vila do Conde, é um testemunho paisagístico e arquitetónico de culturas e modos de vida cada vez menos presentes e em desuso. A sua reabilitação, para sede do Projeto Biopolis1, estimulou uma linha de investigação sobre a sua origem, enquadramento territorial, aspetos históricos, sociais e processos construtivos conducentes a análise e diagnóstico, que se documentam no presente artigo.

Procura-se, assim, uma leitura transdisciplinar deste conjunto patrimonial, cruzando meios de levantamento arquitetónico e diagnóstico construtivo com a interpretação territorial, paisagística, arquivística e historiográfica.

Cronologicamente, o processo de análise é marcado por cinco momentos e por cinco personalidades que lhe estão associadas, os quais, por sua vez, permitem 'mapear' e desvendar marcas de presenças territoriais mais vastas (local e regional, rural e urbana) e uma lógica de intervenção e de uso adaptativo, decorrente das circunstâncias e do espírito do tempo.

A compreensão abrangente deste conjunto singular permite a conceção de um quadro viável de intervenções que garantam a manutenção e a adaptabilidade do património tangível e intangível.

PALAVRAS-CHAVE:

Quinta de Crasto; Vila do Conde; Projeto Biopolis; Património Arquitetónico e Paisagístico; Família Rodrigues de Sousa

[1] O Projeto "Teaming" Biopolis em Biologia Ambiental, Genómica Evolutiva, AgroBiodiversidade, Paisagem e Património, aprovado em abril de 2020, pela Comissão Europeia, ao abrigo do programa "Widening" do Horizonte 2020, é coordenado pelo consórcio que junta o CIBIO-InBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, da Universidade do Porto, sediado no Campus de Vairão, em Vila do Conde) à Universidade de Montpellier e à Porto Business School; e envolve ainda um conjunto diversificado de agentes do sector público e privado nacional e internacional, incluindo os decisores políticos, as universidades e centros de investigação, as empresas e a sociedade civil.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, tendo como ponto de partida o conjunto da Quinta de Crasto, reflete a relação próxima entre três campos de ação centrais na sociedade contemporânea – a paisagem, a arquitetura e o património – como suporte identitário e fator de desenvolvimento sociocultural e territorial sustentável.

Procura-se conhecer a organização do espaço em diferentes escalas, materialidades, formas, processos, significados e tempos históricos. *"São estes espaços "construídos" e vividos ao longo dos tempos pelas sucessivas gerações, que os legaram de umas para as outras, plasmando a cada momento um pouco de cada uma delas (...)."*[1] que resultam num interessante palimpsesto a estudar.

O corolário deste estudo assumir-se-á como um contributo arquitetónico e paisagístico, nomeadamente para o Projeto *Biopolis*, ambicionando conhecer uma paisagem e um património edificado singular.

2 A QUINTA DE CRASTO

Localizada no Lugar de Crasto, pertencente à União de Freguesias de Fornelo e Vairão, concelho de Vila do Conde, a Quinta de Crasto estabelece frentes com as ruas do Crasto e da Agrária.

Insere-se num território, com identidade própria, assente num contexto ecológico de elevada disponibilidade hídrica, elevada biomassa e alta densidade populacional – a região antigamente designada de Entre Douro e Minho. A sua paisagem atual caracteriza-se por um mosaico largo de campos (espaços abertos) e bouças (espaços arborizados) que se estende por outeiros e baixas aplanadas. A estrutura fundiária ainda mostra a sua compartimentação com altos muros de alvenaria de pedra (essencialmente de granito), muitos ainda com esteios encastrados, revelando vestígios de bordaduras de ramadas de vinha, que complementavam a cultura do pão. O povoamento disseminado, típico desta região, caracterizava-se pela casa de lavoura - constituiu-se como elemento compositor e gerador da paisagem na sua globalidade biofísica, ecológica, económica e social, e funcionou como organismo autossuficiente, que ultrapassou o simples espaço habitacional e se foi adaptando às exigências do tempo, composto pela casa (do lavrador e sua família) e as construções anexas necessárias, estendendo-se entre muros e ramadas – que traduz um conhecimento altamente biofísico e representa a memória do passado agrícola rico da região e de uma paisagem em extinção. A *"casa campesina nortenha característica, de Entre-Douro-e-Minho (...) englobava (...), para lá dessa estrutura geral, as mais das vezes um certo número de dependências ou anexos específicos e independentes, de dimensões mais ou menos reduzidas, para gados e arrumações, cortes ou estábulos, palheiros, sequeiros ou espigueiros, eiras cobertas, lojas, etc. que se distribuem à volta de um amplo espaço aberto, terreiro, ou quinteiro, e que integram o complexo da lavoura."*[2]

Estas casas de lavoura originaram, muitas vezes, as famosas casas de "brasileiros" – portugueses que tinham emigrado para o Brasil, durante o grande fluxo migratório característico da segunda metade do século XIX e início do século XX (1880-1930), enriquecido e retornado a Portugal, onde se tornaram grandes proprietários e investidores na agricultura, na construção naval, no comércio, na indústria, nos processos de urbanização, na administração pública e na vida associativa, afirmando o seu triunfo e ascensão social na sociedade portuguesa.

A Quinta de Crasto (Fig.1) configura, assim, um conjunto híbrido, inserido numa paisagem de campo-bouça, com uma área de, aproximadamente, 70 ha, cercada por muros, que incorpora um conjunto de construções de cariz agrícola e equipamentos. Os vários edifícios foram construídos segundo técnicas tradicionais, utilizando materiais predominantemente naturais e pouco transformados, de que são exemplo as paredes de alvenaria de pedra (aparelho regular ou irregular) e de tabique duplo e a estrutura de madeira nas coberturas (de telha) e pavimentos. Apesar de autónomos, estabelecem uma forte interligação entre si e, pela sua disposição no terreno, configuram um espaço exterior, relativamente, bem definido e confinado – o quinteiro.

1_Casa Senhorial de Crasto
2_Alpendre
3_Sequeiro
4_Cavalariças
5_Silos
6_Espigueiro
7_Varandão
8_Cozinha regional
9_Edifício complementar
10_Edifício aidos/nitreira
11_Eiras lajeadas/quinteiro
12_Estufas
13_Adega

Figura 1. Fotografia aérea de conjunto da Quinta de Crasto

3 CINCO MOMENTOS | CINCO PERSONALIDADES

3.1 1º momento | Casal Rodrigues de Sousa

A Quinta remonta a meados do século XIX, quando Manuel Rodrigues de Sousa e Ana Rosa d'Azevedo Almeida e Sousa eram os proprietários de uma parcela de terreno no lugar de Crasto, que anos mais tarde viria a dar lugar ao inicial assento de lavoura da quinta, de grandes dimensões. Certamente, a maior parte das construções de cariz agrícola terão tido origem com este casal de lavradores, sendo mais tarde, desenvolvidas por alguns dos seus filhos - José Bento de Sousa, Boaventura Rodrigues de Sousa e Bento Rodrigues de Sousa são exemplo de "brasileiros de torna viagem" bem sucedidos.

3.2 2º momento | José Bento de Sousa

Corresponde à construção da Casa Senhorial de Crasto e do alpendre anexo, em 1880, por José Bento de Sousa, no limite sul das terras dos seus pais, comprovada pela inscrição na fachada tardoz "JBS 1880". Revelava traços semelhantes aos palacetes burgueses neopaladianos ingleses, espalhados pela cidade do Porto, colocando-se a hipótese de uma casa rural de lavoura como pré-existência, da qual o edifício branco, com o portão de entrada e o nicho de S. Bento, corresponderá à casa rural original ou parte dela.

A casa (Fig.2) exibia um pequeno jardim murado e gradeado na fachada principal, a sul, com majestosos pinheiros de Norfolk *(Araucaria heterophylla)* e grandes arbustos, provavelmente cameleiras, que fazia a transição da via pública para o interior da casa e a partir do qual se desenvolvia uma imponente escadaria de acesso entre o exterior e o andar nobre, o sobradado, valorizando a entrada. *"Houve sempre tendência entre nós para se dar importância à entrada da habitação. (...) existe muitas vezes o pátio de entrada, a que em geral se liga a escada exterior para o andar nobre. Mas, quando não há lugar para um pátio, desenvolve-se certo luxo na escadaria principal. (...) tem apenas importância como acesso da rua ao interior da morada; como meio de comunicação entre andares"*[3]. Esta, ao assumir a posição central, destacava a simetria e regularidade da construção.

Figura 2. Fachada principal da Casa Senhorial de Crasto – resultado da construção de 1880

As fachadas apresentavam características de época. A fachada sul, de alvenaria portante de pedra de granito e de uma arquitetura simples, lisa, formal, era ritmada: no r/c, por uma fileira de frestas com remate em meio arco na parte superior; e, no primeiro andar, por uma de janelas retilíneas, com padieira semicircular, em que duas delas apresentavam varandins. Na fachada lateral nascente, de reboco, eram visíveis janelas semelhantes. Os extremos da frontaria eram marcados por cunhais apilastrados que suportavam a cimalha geral com uma balaustrada de pedra, e, ao centro, alinhado com a escadaria, o frontão, de grandes dimensões e bastante sóbrio. Estes dois elementos eram rematados, nos seus vértices, por estatuetas esculpidas, enquanto o telhado apresentava pequenos obeliscos.

3.3 3º momento | Bento Rodrigues de Sousa

Após a morte de José Bento de Sousa, em 1882, a quinta ficou a cargo do seu irmão, Bento Rodrigues de Sousa. Procedeu a alterações na casa, de que resultou, na fachada principal (Fig.3), a construção de uma varanda no cimo das escadas e a consequente anulação dos varandins e substituição das respetivas portas sacadas por janelas idênticas às restantes. Simultaneamente, desenvolveu e ampliou as estruturas agrárias existentes e implementou uma economia agrícola racionalizada, construindo um importante império agrícola e tornando-se num dos mais importantes proprietários rurais do norte do país. Foi, deste modo, em 1892, promovido, pelo rei D.Carlos, a "Barão do Rio Ave", designação pela qual esta Quinta ficou também conhecida – "Casa de lavoura do Barão do Rio Ave".

Assim, crê-se que a imagem atual das estruturas agrárias (Fig.4) deve corresponder, maioritariamente, ao que foi realizado durante este período – o sequeiro; as eiras lajeadas (cobertas e descobertas); as cavalariças, com as manjedouras; o espigueiro, de 1893; o edifício do varandão; a cozinha regional, com a típica lareira entre o forno e o banco, que abria, através de quatro postigos (mais tarde fechados por questões de higiene) e porta para o espaço do gado de engorda, a uma cota inferior, com as manjedouras -"Na quinta de Crasto, em Vairão (...) há uma fiada de janelas em arco, fechadas por portinholas retangulares; a grande cozinha é de construção relativamente recente, e os postigos mantiveram-se até há cerca de um ano, no desejo de prolongar uma tradição local curiosa."[4]; e o edifício dos aidos e da nitreira, que albergava o gado bovino, e se apresentava muito avançado e prático para a época, segundo Fernando Galhano e Ernesto Veiga de Oliveira. No quinteiro existiam também várias ramadas, a partir das quais se produzia o vinho verde da Quinta.

"Os dois portões laterais à Casa permitem o acesso ao interior da propriedade, na qual se encontrava a presença de ramadas, alas e cobertos, que permitiam o abrigo ao tempo, frio e chuvoso no Inverno, quente e seco no Verão. A eira, o varandão, o espigueiro e os silos são espaços que permitem resposta às exigências dos trabalhos agrícolas e tornam-se lugares de labuta: neles se seca, se conserva, se guardam as alfaias e maquinaria do dia-a-dia. (...), "a Quinta de Crasto é uma casa agrícola criada com a particularidade de utilizar os recursos tradicionais para garantir uma produção científica. Exemplo disso é a nitreira construída na Quinta, e que hoje está completamente adulterada. Através dela era possível produzir-se estrumes para fertilizar as terras sem recurso a elementos químicos."[5]

Figura 3. Fachada principal da Casa Senhorial de Crasto após intervenção de Bento Rodrigues de Sousa. Figura 4. Quinteiro da Quinta de Crasto, com sequeiro, cavalariças, silos, espigueiro, varandão e eiras.

3.4 4º momento | Bento de Sousa Amorim

Em 1931, Bento de Sousa Amorim, herdou a Quinta e deu seguimento aos projetos começados pelo seu pai Bento Rodrigues de Sousa, nas áreas económica, social e política, procedendo à remodelação da Casa de Crasto e à restruturação das produções agrícolas, apostando na produção e exportação de vinho.

A última grande remodelação que a casa sofreu data da intervenção a cargo de Bento Amorim, por volta de 1931-32, e por isso, a imagem atual corresponderá, praticamente, a esta fase que demonstra, claramente, uma influência do Português Suave.

As grandes alterações que ocorreram face às fases anteriores são em termos exteriores:

_na fachada principal (Fig.5), a substituição da varanda com escadaria por uma maior, alpendrada saliente e apoiada em colunas de granito, com arcos, que mantém a demarcação do espaço nobre de habitar; a retirada das estatuetas, que pontuavam a platibanda e o frontão da fachada, e dos obeliscos do telhado; a colocação de chaminé; e a substituição do muro contínuo com gradeamento do jardim, que marcava claramente a separação entre público e privado, por pequenos pilares de pedra unidos por corrente – simultaneamente, estabelece-se uma relação mais fluida e transparente entre o espaço de entrada na Quinta e a via pública e perde-se a imagem de entrada imponente, bem delimitada, através de uma escadaria, numa casa senhorial.

Figura 5. Fachada principal depois da intervenção de Bento de Sousa Amorim – imagem atual

Figura 6. Fachada tardoz antes e depois da intervenção de Bento de Sousa Amorim

O acesso ao interior da propriedade fazia-se de diferentes formas, mantidas ou pouca alteradas, de geração em geração: a família entrava pelo portão onde se encontra o nicho de S. Bento, que dava para a eira coberta e, em seguida, utilizavam a escada de acesso ao andar sobradado, presente na fachada tardoz; a porta, debaixo da varanda na fachada principal, era utilizada quando havia convidados, assim como a entrada, ao nível do r/c, na fachada tardoz; o portão de acesso ao alpendre e o portão, no extremo oposto, serviam os carros de bois, carroças e alfaias agrícolas.

Do ponto de vista de organização interna, que, eventualmente, também foi sofrendo alterações ao longo do tempo, continua a ter-se, como herança do passado, a separação entre o piso de serviço e o piso da habitação. O rés-do-chão é constituído por uma sequência de salas; enquanto, no primeiro piso, a entrada tem a configuração de uma sala grande que faz a distribuição para duas salas laterais, associadas à parte social, para o terraço, e para um corredor de quartos e instalações sanitárias, o qual é rematado pela porta-sacada avarandada, na fachada nascente. (Fig. 7)

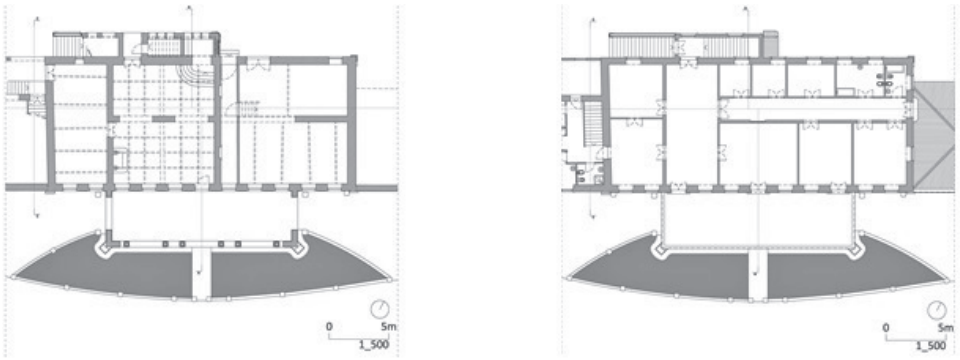

Figura 7. Plantas: piso 0 – serviços; piso 1 - sobradado

No interior, as paredes são de pedra irregular à vista no r/c; e, no primeiro piso, rebocadas a branco, com apontamentos a cor vermelha em alguns compartimentos ou com um apainelamento de madeira, típico das artes decorativas dos anos 20/30, e com lambrim de cerâmica vidrada, na instalação sanitária. O piso 0 apresenta, maioritariamente, uma solução de cerâmico (antigamente era em pedra) e o piso 1 soalho de madeira pintado - com várias tonalidades para dar o aspeto de madeiras mais caras (a escala das obras monumental e dispendiosa obrigava a adoção de soluções mais baratas no interior) -, e azulejos hidráulicos na casa de banho principal. Os revestimentos dos tetos são de diversos materiais, sendo visível, no piso térreo, a estrutura de madeira; e, no piso superior, o estuque branco, com sanca e florão

central em gesso ou não, o forro de madeira (tipo saia e camisa) e, pontualmente, teto falso branco. Todos os elementos em madeira, do andar sobradado - portas, janelas, tetos, rodapés e lambrins - são em tom bege do fim século XIX/inicio século XX. (Fig.8)

Figura 8. Interiores – r/c e 1ºandar

Relativamente às restantes construções da Quinta, defende-se a hipótese de ter sido Bento Amorim a retirar os ornamentos mais exuberantes que existiam na cobertura do espigueiro, tal como fez na Casa Senhorial. Foi também nesta época que se construiu o edifício entre o varandão e o edifício dos aidos, com o objetivo de criar mais espaço para os criados, como salas, quartos, instalações sanitárias e uma cozinha de uso corrente e de apoio à cozinha regional – resultado de intervenções posteriores. Construiu ainda os dois silos, de pedra de granito, que serviam para a conservação de forragens verdes para alimentação do gado; e, do outro lado da Rua de Crasto, a adega da Quinta.

3.5 5º momento | DRAEDM

Bento Amorim tinha como objetivo tornar a Quinta propriedade do Concelho e instituição agrícola oficial, com o nome de Barão do Rio Ave, em homenagem a seu pai. Assim, em 1967, o Estado adquiriu-a para a Estação Agrária do Porto.

Em 1984, foi libertado o espaço e optou-se pela sua adaptação ao Museu Agrícola de Entre Douro e Minho (MAEDM), pertença da DRAEDM, pensado e fundado por alguns dos maiores especialistas nacionais nesta área, como Ernesto Veiga de Oliveira, Benjamim Pereira e Ilídio Araújo. *¨Assim, pelos anos 50, quando Portugal começou a ter a sua proto-industrialização, «eles adivinharam que isso se iria espalhar e começaram, então, a correr o país em busca da informação e, com um desenhador absolutamente extraordinário, que era o Fernando Galhano, conseguiram recolher a maior parte da materialidade tradicional»¨*[5]. O Museu foi, assim, criado para preservar a identidade desta região de Portugal e guardar a memória coletiva da atividade agrícola que se assumia como motor do desenvolvimento económico, num tempo em que a tecnologia disponível dependia fundamentalmente da força física do homem e dos animais que o acompanhavam. Além disto, criou um espaço cultural para estudo e debate no interior da DRAEDM, ao mesmo tempo que repunha e preservava a memória da Quinta de Crasto.

Embora não batizado como Barão do Rio Ave, o Museu concretizou e ampliou o desejo de Bento Amorim: que aquela casa fosse para servir, sobretudo, os agricultores vilacondenses e vizinhos. Foi inaugurado a 10 de março de 1989, com a exposição intitulada ¨O pão e o vinho¨.

A instalação do Museu exigiu o aproveitamento de espaços da antiga casa de lavoura para arquivos/arrumação/apoio; e a construção de novos espaços que se constituem como acrescentos mais pobres em relação ao edifício de origem. Deste modo, todos os espaços originais que apresentem características, como laje e vigas em betão, estruturas metálicas e pavimentos em massame de betão, tijoleira de barro e alguns cerâmicos, são alterações introduzidas pela DRAEDM.

«Este museu recolheu peças que eram exemplares. Não eram peças recolhidas aleatoriamente. Eram peças que tinham, muitas delas, elementos de arte absolutamente originais. Assim, eles recolheram aquelas que eram centrais. É claro que eles não terão recolhido tudo, mas conseguiram reunir as peças consideradas centrais e fundamentais para a compreensão da produção tradicional no Entre Douro e Minho»[5], o que realça a abrangência e importância das peças expostas.

Este espaço museológico mostrava, no edifício dos aidos, a evolução das alfaias agrícolas, evidenciando a arte do agricultor antigo na confeção dos seus próprios instrumentos, e a importância da cultura do milho e do trabalho e tratamento do linho. Já, no edifício da casa, apresentava-se a exposição do pão, do vinho e do azeite; e, na eira coberta junto à casa, a exposição do leite.

O Museu, com vários visitantes, ganhou importância. Foi recebido na Rede Portuguesa de Museus, e obteve, em 1991, a Menção Honrosa de Prémio do Museu Europeu. Porém, em 2007, deu-se o encerramento das suas instalações e, com ele, iniciou-se o estado de degradação que hoje se verifica.

Além do Museu Agrícola e do Centro de Formação Profissional de Vairão, também foram instalados na Quinta a Estação Regional de Hortofloricultura (DRAEDM); o Centro de Atualização Propedêutica e Formação Técnica (DRAEDM); o I.C.A.V. - Instituto de Ciências Agrárias de Vairão (UP); o Laboratório de Investigação Veterinária (DGAV); e a IAAS – Associação Internacional de Estudantes de Agricultura.

3.6 6º momento – situação atual

Pode definir-se como a fase que começou com o encerramento do Museu e que se perpetua até aos dias de hoje. O edifício encontra-se devoluto, sem manutenção e reparação há algum tempo, a avaliar pelos danos que apresenta. Efetivamente, apenas as estufas e o antigo edifício dos aidos e nitreira já reabilitado, entregues à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, se encontram em funcionamento.

4 DA QUINTA DE CRASTO AO PATRIMÓNIO RODRIGUES DE SOUSA

A análise da Quinta de Crasto, e dos seus vários momentos e personalidades subjacentes, possibilitou a (re)descoberta de um património arquitetónico e paisagístico mais abrangente – que foi ou continua a ser propriedade da família Rodrigues de Sousa. Procurou-se não só mapear esta mancha territorial mais vasta como atribuir nomes a cada objeto. Deste modo, no que foi possível apurar, seguem-se as várias propriedades e seus proprietários, ao longo do tempo:

a. Quinta de Crasto (Lugar de Crasto, Vairão): casal Rodrigues de Sousa _ José Bento de Sousa _ Bento Rodrigues de Sousa _ Bento de Sousa Amorim _ Estado português_UP

b. Quinta da Amora (Lugar de Crasto, Vairão): Bento de Sousa Amorim_Ministério da Agricultura

c. Terrenos circundantes da Capela de St. Ovídio (Lugar de Crasto, Vairão): Bento de Sousa Amorim _ Inês Maria Chambers de Sousa Amorim

d. Quinta de Vilarinho (Lugar de Vilarinho, Macieira da Maia): Bento Rodrigues de Sousa _ Inês Amorim_Bento de Sousa Amorim_Inês Maria Chambers de Sousa Amorim

e. Terreno da Torre medieval e Casa da Mata (na Quinta de Vilarinho, do arquiteto Raúl Leitão): Bento de Sousa Amorim_Inês Maria Chambers de Sousa Amorim

f. Quinta do Corgo e Capela de São Brás (Lugar de Vilarinho, Macieira da Maia): Bento de Sousa Amorim_Inês Maria Chambers de Sousa Amorim

g. Casa da Mineira (Lugar de Vilarinho, Macieira da Maia): Bento de Sousa Amorim_Inês Maria Chambers de Sousa Amorim

h. Terrenos nas margens do Rio Ave e próximos da Ponte de D. Zameiro – Azenhas de Sabariz, do Rio e do Campo, Casa dos Moleiros de Sabariz e Moinho de Vento (Macieira da Maia e Bagunte): Bento de Sousa Amorim _ Inês Maria Chambers de Sousa Amorim

i. Casa Dr. Bento Amorim, atual Casa do Posto de Turismo (Rua 25 de Abril, Vila do Conde), dos arquitetos Germano Castro Pinheiro e Fernando Tudela: Bento de Sousa Amorim _ Sede do Clube Assembleia 1º de Dezembro_Comissão Municipal de Turismo de Vila do Conde (CMVC)

j. Foros em Vila do Conde e Vilar de Mouros: Bento Rodrigues de Sousa_Bento de Sousa Amorim

k. Moinho na Póvoa de Varzim: Bento de Sousa Amorim_Inês Maria Chambers de Sousa Amorim

l. Palacete Boaventura Rodrigues de Sousa, conhecido também por Colégio dos Maristas, e distinguido como Monumento de Interesse Público (Av. Boavista, Porto): Boaventura Rodrigues de Sousa_ Colégio de Nossa Senhora do Rosário_Colégio dos Maristas_ BES_IPOV

m. Edifício na Praça de Gomes Teixeira (Porto): Boaventura Rodrigues de Sousa_ Armazéns do Chiado

n. Garagem Passos Manuel (Porto), do arquiteto Mário Abreu: Bento de Sousa Amorim, Maria Amélia Chambers de Sousa e Elisa Chambers _ Inês Maria Chambers de Sousa Amorim

o. Casas no Porto – duas na Av.Boavista, em frente ao Palacete BRS, (uma do arquiteto Carlos Ramos) e uma na Av.Brasil: Elisa Chambers e António Marques Bento de Sousa _ Inês Maria Chambers de Sousa Amorim _ Entidades privadas

p. Casa de Gondarém, do arq. Fernando Távora: Elisa Chambers_ Inês Maria de Sousa Amorim

Esta é uma primeira listagem, ligada no presente processo de pesquisa, revelando uma mancha territorial edificada muito abrangente e de enorme interesse, construída pela família Rodrigues de Sousa.

CONCLUSÕES

A construção da identidade coletiva (nacional, regional, local) consolida-se através do entendimento da paisagem e da arquitetura, enquanto prova histórica de uma época e como resposta eficaz aos fatores geográficos e às condições económicas e sociais, contribuindo para uma consciência crítica e uma cultura de projeto.

Estruturas como a Quinta de Crasto devem ser encaradas como elementos fundamentais de uma importante paisagem patrimonial - Entre Douro e Minho – e de um património arquitetónico, marcado por ordens de representação social, que resultam de diferentes fases de construção e de agregação de espaços. Este tipo de implantação, que se vai formando ao longo do tempo, reforça a interpretação da Quinta enquanto projeto orgânico e funcional, correspondente à própria paisagem, evolutiva e rica, em que se insere. Efetivamente é resultado de uma "arquitetura-processo" que deve ser vista como um documento histórico e retrato social. Note-se que *"para o grande investigador Ernesto Veiga de Oliveira, a Quinta de Crasto constituía só por si um «elemento museográfico de grande valor e representatividade, como exemplo de uma grande casa de lavoura senhorial da região»."*[5]

A identidade espacial geral do conjunto da Quinta resulta, assim, de várias entidades, com valor arquitetónico próprio, que se relacionam entre si e conferem a imagem de um sistema campo-bouça altamente significativo, a diversas escalas, que deve ser valorizado. A Quinta de Crasto *"faz parte de um patrimônio arquitetónico que deve ser conservado e que, para tanto, exige um esforço de manutenção. Trata-se de edifícios que, para ter sua vida prolongada, devem ser ampliados, transformados e postos em novos usos, sempre mantidas suas características formais."* [6]

"O futuro de um território rural pode depender da sua capacidade em utilizar com conhecimento de causa a herança do seu passado. A valorização do património é uma componente incontornável do processo de desenvolvimento local." [7]

Assumida, deste modo, como âncora patrimonial no território, é a partir dela e do mapeamento de uma presença territorial mais vasta que se define, com maior rigor, o território do Projeto Biopolis – resultado de uma rede funcional de vasos comunicantes, tendo como decumano o Rio Ave e como cardo o Oceano Atlântico. As várias propriedades mencionadas no concelho de Vila do Conde configuram um percurso paralelo ao Oceano Atlântico e em direção ao Rio Ave. Numa escala mais ampla, definem uma mancha territorial formada por um núcleo central em Vairão e dois núcleos secundários em Macieira da Maia que, através de elementos naturais como a bacia hidrográfica – Rio Ave e Ribeira de Granja – se pode estender até à costa litoral, abrangendo, deste modo, importantes vias de comunicação (linha de metro Porto- Póvoa de Varzim e IC1) e património classificado, a Reserva Ornitológica de Mindelo. Este será o *"território Biopolis"*.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Inês Maria de Sousa Amorim por toda a disponibilidade, conversas informais e histórias da família, acesso às fotografias do arquivo familiar e visitas guiadas a algumas das propriedades.

REFERÊNCIAS

[1] MARQUES, Hélder; MARTINS, Luís. "Memória, Herança, Património e Paisagem" in Cadernos de Geografia / Nº17 (1998). Coimbra: FLUC, p.123

[2] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando. (2003). "Portugal de Perto. Arquitetura Tradicional Portuguesa – reflexões sobre esses espaços". Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 18-19

[3] LINO, Raúl. (1929). "Casa Portuguesa". Lisboa: Imprensa Nacional, p.7

[4] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando. (2003). Portugal de Perto. pp. 99-101

[5] Jornal Diário do Minho. Suplemento Património / Nº28422 (27 fevereiro 2009)

[6] MONTANER, Josep Maria. (2013). A Fragilidade da Arquitetura Moderna: paradoxos tecnológicos, funcionais e simbólicos em sua reabilitação, In "A Modernidade Superada" – Ensaios sobre Arquitetura Contemporânea. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.147

[7] DOWEN Michael, in "Actas Encontros Património Vila do Conde". Vila do Conde, p.21